



TEMPOS LIVRES

a REVOLUÇÃO FAI-SE COMENDO (BEM)

COOPERATIVAS DE CONSUMO, MAIS UMHA VIA PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

“há que MOLHAR-SE” **página 2** COOPERATIVAS DE CONSUMO **página 3** O VALE DO XALMA: AS MARGENS DO CONFLITO LINGÜÍSTICO **páginas 4 e 5** a GALIZA NATURAL **página 6** Banda Desenhada Galega recebe elogios em português **página 7** “de nova iorque e glasgow à corunha e vaiga” **página 8**

suplemento de lazer
alternativo

10.09.20 '07

Há que molhar-se



Os jogos tradicionais seguem sem ser objecto da informação desportiva nos meios de comunicação galegos

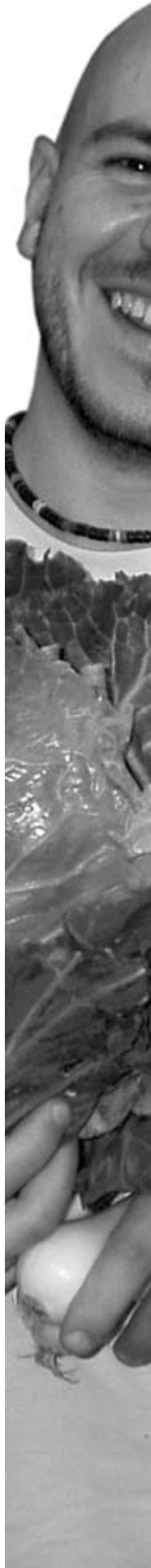
XERMIÁN VILUBA
Nem a Galiza é essa grande pizzaria administrada por um gordo e imponente italo-galego nem eu sou um potencial Rádio Rahim carregando às costas um enorme radiogravador com a música ao máximo enquanto exijo firmemente que das paredes da pizzaria se retirem as fotos dos desportistas, músicos e actores de origem italiana para no seu lugar pôr as dos grandes heróis do povo negro, já que a pizzaria está situada num bairro de Brooklyn de esmagadora maioria negra. Nom é o mesmo, mas a situação vivida polo protagonista do filme de Spike Lee tem muitas similitudes com o panorama actual a que nos enfrentamos os pequenos e cada vez mais ruidosos rádio rahims que emergimos para, com o nosso radiogravador ao lombo e retumbando nos fables, condenar ao igual que ele condenou à penosa situação das paredes da nossa particular pizzaria mediática. A Galega, como se denomina agora, mudou de carantonha

O Vice-Presidente da Junta deslocou-se a Rio Torto expressamente para tirar umha foto praticando um dos desportos tradicionais e causar assim o desejado impacto visual nas capas dos jornais do dia seguinte

mas nom de conteúdo; para nós, os desportistas tradicionais, nada mudou nem parece que vaia fazê-lo; se na escuridade estávamos antes, na escuridade permanecemos agora. Emergem na grelha novos programas como 'Galiza Ras', dedicado à actualidade do motor no País, cousa que vemos como algo muito positivo, ao igual que 'De Proa a Popa', dedicado em exclusivo à actualidade dos desportos de navegação, mas sem dúvida a surpresa da temporada foi protagonizada por um programa emitido aos domingos chamado 'Há que Molhar-se', dedicado à pesca e aos pescadores da Galiza e apresentado de um modo muito peculiar por dous experimentados virtuosos do anzol e da cana. É um facto que a pesca conta com um abundante número de licenças, polo que se presume um forte assentamento e um muito amplo potencial interesse pola sua prática e desfrute, mas o que acontece com os desportos e desportistas tradicionais e com a sua cobertura mediática e as suas licenças? A desprotecção é evidente e o vazio legal para práticas coma a bilharda é um facto inegável, dado que os membros da LNB já figérom público, em contraposição ao que acontece com a prática dos bolos, que eles nunca dependerám de umha hipotética imersom numha federação espanhola como a de basebol, nom por desprezo a esta prática filha da bilharda, mas porque nunca aceitarám o jugo federativo espanhol; e isso, claro, deixa em xeque os actuais representantes desportivos da Junta. Trinta e um anos a jogar à chave em Compostela da mao da Associação de Jogadores de

Chave de Santiago deveriam ser um aval mais do que suficiente para que as câmaras da Televisom Galega realizassem um seguimento exaustivo da evolução da denominada Liga da Chave das Eiras em que os pares de Miguel e Puga, Lelo e Casal, Boquete e Nardo, partem como favoritos, ou para que as câmaras e os micros da Rádio Galega deixem un espaço aos domingos à tarde nessa grande maratona radiofónica chamada 'Galiza em Golos' para disparar os resultados producidos nas diferentes lastras espalhadas polo País em que se disputam competiçoms de bolos celtas e ao canteiro, e onde os centos de seguidores da SUPERLIGA de Bilharda se podam informar através da rádio nacional sobre os resultados dos 'galácticos' e 'galácticas' deste desporto, que resurgiu das cinzas com a força de javali ferido. Sabíamos que os políticos do mundo em campanha eleitoral abraçam e beijam meninhos, mas nestas passadas municipais na Galiza um novo elemento fijo irrupçom no panorama: o abraçobolom para a foto eleitoral. O Vice-Presidente da Junta deslocou-se a Rio Torto expressamente para tirar umha foto praticando um dos desportos tradicionais e causar assim o desejado impacto visual nas capas dos jornais do dia seguinte, e depois, como sempre acontece nestes casos, passado o dia passada a romaria, campanhas à americana com simbologia galega é a patética realidade desse cada vez mais desfigurado nacionalismo institucional. Baixam as águas turvas e o rio está revoltom mas para pescar truitas, senhor Quin, nom há mais remédio do que se molhar.

COOPERATIVAS DE CONSUMO MAIS UMHA VIA PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL



“As cooperativas de consumo som um modo de apoiar a agricultura local e iniciativas respeitosas com o ambiente”

SUSO MOINHOS PARDALIA, da sociedade cooperativa galega de consumo consciente ÁRVORE, de Vigo

Qual a finalidade de umha cooperativa de consumo ecológico?

Pois este projecto pretende a associação de pessoas consumidoras a fim de conseguir determinados produtos, nomeadamente ecológicos e de comércio justo, e oferecer assim um canal de distribuição às entidades produtoras destes produtos.

Que produtos ou serviços oferece a cooperativa?

Frutas, verduras, produtos lácteos, óleos e

azeite, algas, pans, massa, cereais... de diferente procedência, mas sempre se utiliza como critério a prioridade dos produtos locais, em concreto da Galiza e do Norte de Portugal; estes sempre som preferidos a outros que venham de zonas mais afastadas, de modo que se rejeitam as frutas e verduras que tenham umha origem mui remota, por exemplo, o kiwi da Nova Zelândia. Também forma parte das nossas prioridades a escolha de produtos da época. Temos também umha secção de higiene

personal e produtos de limpeza. Nestes produtos de higiene garantimos que nom tenham nengum ingrediente potencialmente perigoso. Para isso servimo-nos da lista publicada pola organizaçom ambientalista alemá Ökotest. E contamos ainda com produtos do comércio justo.

Na compra dos produtos praticamos o inter-cooperativismo que implica tentar sempre comprar os nossos produtos a outras cooperativas. A cooperativa também oferece alguns serviços como por exemplo o direito de uso do moinho de Severo situado no bairro de Cabral. Realizamos trabalhos de conscienciaçom através da organizaçom de algum atelier e de colaboraçom com centros de ensino.

A cooperativa tem também representatividade social e esta reflecte-se na elaboraçom de actividades conjuntas com outros colectivos sensíveis com o consumo consciente. Sirva de exemplo Vigotroca, espaço aberto à troca e cessom de bens.

Quais os princípios em que assenta a actividade da Cooperativa?

Basicamente som três: a autogestom, a transparência e a participaçom. Som os sócios e as sócias a dirigirem o rumo da cooperativa e ao serem poucas as pessoas que a gerem, a transparência é imprescindível. Além disso, as assembleias som o espaço fundamental de participaçom das pessoas associadas.

Que dirias ao nosso público leitor para se animar a associar-se e participar numha cooperativa de consumo?

Primeiro falaria-lhes da saúde: os produtos ecológicos som muito mais saudáveis que os da agricultura convencional porque nom contemhem pesticidas nem adubos químicos nem herbicidas nem transgénicos e as suas características organolépticas fam com que sejam produtos de muita mais qualidade. Para além disso, implica um apoio à agricultura local e a todas aquelas iniciativas baseadas num respeito polo ambiente.

TEXTO E FOTOGRAFIA | EVA PIÑA

As cooperativas de consumidores permitem criar dinâmicas orientadas ao desenvolvimento do sentido da cooperaçom, do trabalho colectivo e a tomada de consciência quanto à necessidade de desenvolver novos sistemas comerciais nos quais seja priorizado o consumo de produtos locais, da agricultura ecológica e do comércio justo. Trata-se de definir um consumo baseado numha firme responsabilidade social e ambiental. É umha alternativa que se apresenta necessária perante os actuais modelos consumistas onde já nom é prioritária a relaçom ‘satisfaçom de necessidades-consumo’ porque a relaçom assenta no hábito de

‘usar e deitar para o lixo’ e no consumo desenfreado. Trata-se de desenvolver umha atitude crítica com os actuais modelos de consumo. Crítica baseada na reflexom e, sobretudo, na informaçom prévia que nos deveria levar a responder perguntas tais como:

- Quais as minhas necessidades?
- Quais os serviços e produtos que as vam satisfazer?
- Quem, onde e com que recursos se produzirom tais produtos e serviços?
- Em que condiçom ambientais fõrom produzidas?
- Se o meu nível de consumo fosse interna-

cionalizado, seria sustentável o Planeta?

- Em que assenta o meu bem-estar? Será que assenta na posse de bens materiais ou noutras variáveis?

Responder a estas perguntas implica assumir um trabalho de procura de informaçom e de tomada de consciência da necessidade de assumir um consumo responsável e ético, quer dizer, iremos definindo em nós um pensamento crítico, de reflexom e, com certeza, de actuaçom, que nom pode ficar relegado a um plano individual, sendo necessário colectivizá-lo. Um exemplo desta colectivizaçom som as cooperativas de consumidores, em concreto de produtos ecológicos e do comércio justo.

Ao longo da fronteira luso-espanhola existem até sete enclaves de fala galego-portuguesa, resultado de deslocações de fronteiras mais ou menos recuadas no tempo. Todos eles som, para visitantes da Galiza com inquietudes culturais, um verdadeiro paraíso sociolinguístico cheio de surpresas que nos remetem para a nossa situação cultural. Mas também compartilham outra característica: estarem situados numhas terras paisagisticamente diversas mas todas inigualáveis. De cima para baixo estamos a falar de Calabor (provincia de Samora), Bouças e Alamedilha (Salamanca), Vale do Xalma, Cedilho e Ferreira de Alcântara (Cáceres) e Olivença (Badajoz).

A primeira destas terras, Calabor, situada na Baixa Seabra, foi trocada com Portugal por outra vila galega que hoje, já em território luso, fala um português em que nom será difícil distinguir castelhanismos de outrora. Nos outros casos a história da origem dos falares fronteiriços nom terá sido mui diferente, talvez só quanto à datação de processos semelhantes. O caso da Olivença é sem dúvida o mais conflituoso, o Gibraltar português para muitos lusitanos, cujo Estado continua a reivindicar a sua soberania, mas com muito medo, do ponto de vista dos mais 'patriotas'. O Vale do Xalma é o mais particular de todos os territórios anteriores aos olhos de umha pessoa vinda da Galiza, pola extensom da comarca (só superada pola Olivença), pola fidelidade à língua da população local e pola falta de documentação sobre a origem, que tem alimentado excêntricas teorias sustentadas polos contrários à filiação galego-portuguesa destes falares. Usando teses que nunca fôrom documentadas, isolacionistas, por um lado, e antinacionalistas, polo outro, tenhem-se esforçado em demonstrar a desvinculação desta variante com os falares portugueses vizinhos. Os segundos encontram no astur-leonês o aliado perfeito para atacarem um suposto expansionismo do nacionalismo galego, e os primeiros, ainda sem negarem abertamente o termo galego-português para caracterizar o dialecto local, encontrárom nestes falares um argumento ideal para reproduzirem as teses seccionistas que promovem na Galiza: também entre as variantes fronteiriças seria possível registar duas línguas: de um lado o galego e do outro o português.

Com visitantes da Galiza o idioma é também o mesmo, ainda que o uso de palavras como 'cedo' ou 'ontem' ('tempranu' e 'ayel' na escrita local) poda fazer pensar o falante nativo que está a falar com portugueses e recorrerá entom a modismos lusitanos de sabor hospitaleiro como 'obrigado'

Três concelhos, três falas

O Vale do Xalma encontra-se no extremo mais noroeste da Estremadura espanhola, conformado por três municípios que integram três vilas e duas aldeias. O mais conhecido e habitado é Valverde do Freixo (*Valverde du Fresnu*, como aparece actualmente nalgumhas placas bilíngües da estrada), apesar de ser também o de mais recente fundação, vinculada a umha antiga encomenda habitada por colonos e chamada Salvaleom, explicação corrente entre os vizinhos para a origem da língua do Xalma. De Valverde do Freixo enxergam-se na fralda de um monte próximo as Elhas, umha vila assente numha íngreme encosta que acaba numha bonita praça em que se encontra a Câmara municipal. Das Elhas, a localidade mais alta, vê-se, ademais de Valverde, a outra vila do vale, Sam Martinho de Trevelho, umha idílica povoação de ruas empedradas pelas quais descem abundantes caudais de água canalizados de longa data. Como as localidades vizinhas, Sam Martinho é coroado por umha praça em que salientam os Paços do Concelho e um torreom. O visitante galego reparará logo nas diferenças entre a língua de umhas vilas e outras, que os nativos delimitam com três denominações: valverdeiro, lagarteiro e manhego. As duas últimas parecem, aos nossos ouvidos, menos castelhanizadas, efeito causado nomeadamente por conservarem um sistema consonântico com sibilantes surdas e sonoras que às vezes representam com umha ortografia parecida à do português: nosso/coisa; jeito/Xalma. Os valverdeiros reconhecem que a sua variantes está mais castelhanizada devido "aos contactos mais frequentes com pessoas

vindas de fora", mas destacam logo como na sua variante existem palavras que, ao contrário do manhego e do lagarteiro nom coincidem com o espanhol, como 'axins', denominação local para os pimentos.

Monolingüismo quase total

Contodo, nas três vilas reconhecem que a castelhanização afecta sobretudo a gente mais nova, que também tem mais tendência a mudar para o espanhol em determinadas circunstâncias. Seja como for, entre pessoas nativas, o monolingüismo em galego-português é quase absoluto, apenas contando-se excepções entre imigrantes assentes no vale. Com visitantes da Galiza o idioma é também o mesmo, ainda que o uso de palavras como 'cedo' ou 'ontem' ('tempranu' e 'ayel' na escrita local) poda fazer pensar o falante nativo que está a falar com portugueses e recorrerá entom a modismos lusitanos de sabor hospitaleiro como 'obrigado'.

Medindo a temperatura nas câmaras

Na câmara municipal de Valverde encontramos o primeiro caso de umha vizinha que nom se expressa na 'fala'. É a ex-vice-presidenta 'popular' da Câmara (vinda de fora e casada no Vale), que encontramos a conversar com o já ex-presidente (Valverde está desde as últimas eleições nas maos do PSOE). Ele nom parece mui cómodo com a presença de um meio de comunicação galego a fazer perguntas – "o ano passado houve umha polémica, que se éramos galegos ou estremenhos ou nom sei que, e prefiro nom opinar" –, mas ela reage defendendo a origem leonesa do dialecto, e perante os exemplos que nós pomos da identidade lingüística galego-portuguesa, responde: "eu tenho visto muita mais semelhança com o Berzo do que com a Galiza ou Portugal". Perguntados sobre a falta de actividade normalizadora da câmara, consideram que a culpa é da Junta (do PSOE), já que se limitou a declarar a fala 'património de interesse cultural' sem se preocupar de estudá-la ou fomentá-la. "Nos concelhos pequenos é

A paternidade exclusivamente galega da 'fala' do Vale do Xalma dificilmente explica um sem fim de palavras que na Galiza som condenadas por lusismos





San Martín de Trevejo
Bien de Interés Cultural
SA MARTIN DE TREVELLU
BEN DE INTERES CULTURAL

O Vale do Xalma

as margens do conflito lingüístico

Viagem à origem incerta do galego-português dos 'Três Lugares'



impossível orçamentar uma política normalizadora, não há recursos". Acabada a conversa, remetem-nos para Antonio Corredra, uma pessoa "das que mais sabe do assunto em Valverde", que trabalha na própria Câmara. Para António, a presença de galegos é sempre motivo de longas conversas, e dedica-nos um café de uma hora e meia em que, sem deixar de nos transmitir uma profunda irmandade, esclarece: "não concordo com algumas ideias que se têm divulgado na Galiza. Isto é mais um ramo do galego-português, com traços asturianos e castelhanos, mas não se pode dizer que seja exclusivamente galego." Sobre a ortografia que deveria representar a sua língua, afirma que não lhe desagradaria "que fosse a portuguesa, útil para representar as sibilantes sonoras" – afirma –, mas "sempre que fossem respeitadas características inequivocamente locais. Refere-se aos finais em [u] e [i] de palavras como 'carro' e 'hoje', igualmente característicos dos dialectos vizinhos portugueses, mas para ele verdadeiros sinais de identidade em relação ao galego da Galiza ou ao espanhol da Estremadura. Mesmo assim, agradece muito que na Galiza se tenham dado a conhecer as falas locais, sobretudo através do trabalho do filólogo Henrique Costas e de um programa televisivo de Antom Reixa. Refere-se a um episódio do ano 1991, em que o conhecido *showman* levava ao seu programa de televisão *Sítio Distinto* um camionheiro que diz que se expressava num 'falar estranho'. O galego-português do convidado viria a descobrir na Galiza uma realidade que apenas tinha sido tratada até o momento por estudiosos hispanistas, nomeadamente portugueses. Nas Elhas, a atitude do já ex-presidente da Câmara é bem diferente da do seu colega valverdeiro. É do PSOE, e isso, no mundo rural, sempre se nota. Tem viajado

frequentemente à Galiza, onde encontra uma proximidade lingüística, cultural e política que nos manifesta em constantes olhares cúmplices e em frases como: "Sodes do Bloco? Eu conheço gente do Bloco". Na verdade, a política normalizadora não existe num concelho que tem outras prioridades além da língua, mas a identificação com a 'fala' do presidente da Câmara só é superada pelo ambiente de centro cultural que se respira em Sam Martinho. Em Sam Martinho de Trevelho, de facto, não falta ir à Câmara, centro de trabalho do erudito Domingo Frades que ingressou na RAG como 'membro não numerário' há uns anos, para notar uma forte implicação com a causa lingüística, visível nalguns dos bares e restaurantes mais conhecidos da localidade.

A origem da fala

Nas explicações da rua, celtas, galegos, portugueses, asturianos e castelhanos costumam aparecer na mesma conversa para explicar a genealogia da fala. Às vezes, a concretização vai mais além, e os valverdeiros reconhecem ter mais influência castelhana que os povoadores das Elhas ou Sam Martinho, mais aporuguesados.

Em geral, no âmbito filológico, sempre se coincidiu em que estávamos perante um dialecto galego-português, um falar fronteiriço português em território espanhol. O português diluído no 'acento' espanhol costuma dar um resultado semelhante ao nosso galego. Porém, nos últimos anos surgiram opiniões para todos os gostos, desde quem apoia uma origem exclusivamente galega (desvinculada do português do actual Portugal) até quem defende as tresloucadas ideias de o dialecto provir do antigo astur-leonês ou mesmo de um substrato pré-românico. Obviando estas últimas teorias, a defesa de o galego-português do Xalma ter origem

num galego desvinculado do português assenta numa série de construções históricas e lingüísticas de escasso rigor científico. Quanto à história, defende-se que nos séculos XII e XIII teria havido uns assentamentos coloniais feitos com galegos das comarcas mais orientais. O isolamento do Xalma explicaria o resto. Porém, era possível distinguir galego e português numa época tão recuada? Os referidos movimentos de população nunca foram provados e curiosamente onde sim se documentam por terras estremitas não há nem um resto de galego, apesar de serem lugares bem mais isolados que o Vale do Xalma, a comarca melhor comunicada da Serra de Gata até há um século. Tampouco há restos de galego onde a toponímia delata antigos assentamentos galaicos. Porque havia então de ser a origem do galego-português do Xalma uma antiga migração, tendo em conta que duas das vilas (as Elhas e Sam Martinho) já existiam e precisamente num local fronteiriço com Portugal? Tampouco o estudo da língua abona a tese exclusivamente galaica. Em defesa da mesma chegou-se a dizer que a inexistência do [v] português seria a prova desta origem, mas os falares portugueses fronteiriços também desconhecem o [v], compartilhando com o Xalma muitíssimos traços que na Galiza são marginais: pronúncia [le] do <lhe>, inexistência do pronome 'che', etc. Não parece muito científico para afirmar que *muta, luta, dois, coisa*, etc. são provas de galegidade por existirem nalguma fala galega, ocultando-se que são traços lingüísticos majoritários em Portugal, país fronteiriço dos 'três lugares'. A paternidade exclusivamente galega da 'fala' dificilmente explica um sem fim de palavras que na Galiza são condenadas por lusismos.

A GALIZA NATURAL

ESPAÇOS NATURAIS GALEGOS PROTEGIDOS PARA UMAS FÉRIAS GALEGAS E NATURAIS

Diversas figuras jurídicas protegem as nossas principais reservas naturais. São espaços que constituem uma boa alternativa para passarmos estes dias de férias e que a seguir enumeramos.

por João Aveloso



1 O Parque Nacional Marítimo-Terrestre das Ilhas Atlânticas da Galiza compreende quatro arquipélagos: Cies, Ons, Sálvora e Cortegada. As primeiras três destacam pelas suas importantes colónias de aves, assim como pela excepcional biodiversidade dos seus fundos marinhos. Do areal de Rodas, nas Cies (a melhor praia do mundo, segundo "The Guardian"), às abruptas escarpas do Buraco do Inferno em Ons ou à laurisilva de Cortegada (o maior bosque de loureiros europeu), estas ilhas nunca deixam de surpreender o visitante. Infeliz e inexplicavelmente, outras ilhas de grande importância ecológica, como as Sisargas de Malpica, não fazem parte, por agora, do Parque Nacional.

2 Em 2002, a UNESCO incluiu a 'Terras do Minho' na Rede Mundial de Reservas da Biosfera. 'Terras do Minho' abarca a bacia septentrional do Minho. Incluem-se neste espaço desde ecossistemas fluviais e lagunares, como os formados na Terra Chã pelos rios Parga, Ladra e Tâmega, a ecossistemas alpinos, como os da Serra do Gistral, onde se podem observar as pegadas das épocas glaciares. Bosques de ribeira magnificamente conservados, lagoas abundantes em aves aquáticas, rios que albergam, ainda, o mexilhão-de-rio (*Margaritifera margaritifera*) (claro bioindicador da

pureza destas águas) e, também, um rico património histórico e etnográfico, sobranceiam entre os inumeráveis valores desta reserva.

3 Administrativamente ovetense, a Reserva da Biosfera das Fontes do Narcea, Deganha e Íbias protege um território galego-asturiano que limita ao Leste com o Parque Natural de Somiedo, ao Oeste com as terras de Návía de Suarna e ao Sul com o Espaço Natural dos Ancares. Serras modeladas por dobras e glaciares, com extensas carvalheiras e faias, onde o urso (*Ursus arctos*) e o, cada dia mais raro, galo-montês (*Tetrao urogallus*) partilham morada.

4 O Espaço Natural dos Ancares abrange apenas o território administrativamente leonês desta comarca. São estas serras com vastas florestas eurosiberianas, que tiveram no galo-montês o seu símbolo e que nunca deixaram de ser visitadas pelo urso. Paisagens salpicadas de aldeias pré-romanas, nas quais palhoças lembram um passado castrejo.

5 Parque Natural das Fragas do Eume. Dizem das Fragas do Eume que são o bosque atlântico termófilo mais importante da Europa. Entre a sua luxuriosa vegetação, sobressaem as criptógamas: a metade das espécies de musgos da Galiza, mais de

uma centena de fungos, 250 espécies de líquens, 21 espécies de fetos... até fetos próprios de zonas subtropicais, preservados aqui por microclimas favoráveis.

6 No extremo da Península do Barbança, está situado o Parque Natural do Complexo Dunar de Corruedo e das Lagoas de Carregal e Vijão. Uma praia de incomparável beleza, extensos sistemas dunares e lagoas de águas doces e salobras, estão entre os valores ecológicos de uma reserva que tem numa gigantesca duna móvel, o seu emblema mais conhecido.

7 O Parque Natural da Serra da Enzinha da Lastra, sito no concelho de Ruvia, de solos calcários e vegetação predominantemente mediterrânica, destaca-se pela sua variada ornitofauna. Assinalemos, p.ex., que este mesmo ano, um casal de abutres-do-Egipto (*Neophron percnopterus*) voltou a procriar nestas paragens, depois de vários lustros sem o fazer no nosso país.

8 O Parque Natural do Invernadeiro pertence ao chamado Maciço Central Ourenzano. Alta montanha em que, graças aos programas de reintrodução, voltam a ser abundantes os ungulados selvagens: cabras-bravas (*Capra hispanica*), veados (*Cervus elaphus*), camurças (*Rupicapra rupicapra*)...

9 Sob administração castelhana-leonesa, o Parque Natural do Lago da Seabra e os seus Arredores ocupa um território galego-samorano que vai desde o cume mais alto da Galiza, Pena Trevinca (2.127 m.), às ribeiras do lago glacial que lhe dá nome. A diversidade da sua fauna e flora vê-se favorecida por ser território limite entre as regiões atlântica e mediterrânea.

10 O Parque Natural da Baixa Límia-Serra do Jurês é continuação do Parque Nacional Peneda-Gerês, o único Parque Nacional que existe em Portugal. De facto, Gerês e Jurês são variantes derivadas do topónimo arcaico Juriz. Terras de lobos e cães de Castro Laboreiro, de cachenas e garranos, de cabras-bravas (reintroduzidas, após a extinção da subespécie *lusitânica*, que tivera nestas brenhas o último refúgio) e endémicos lírios, os lírios-do-Gerês (*Iris boissieri*).

11 Em 78, declarou-se o Parque Natural do Monte Aloia, em Tui. Bonito parque de merendas e privilegiado miradoiro sobre o Baixo Minho. Pouco mais podemos ressaltar do que foi o primeiro espaço natural galego protegido. Dito isto, alguém se estará a perguntar, como é que o Courel ainda não é parque natural? Bom! Chegou o Verão, desfrutai da Mãe Terra e deixemos a política e os/as políticos/as para outro dia.



Banda desenhada galega recebe elogios da crítica portuguesa

Após a passagem pela capital lusa, chega ao Porto a exposição a BD contemporânea do nosso país



De 22 de Junho até 31 de Julho, a Galeria Sargadelos do Porto acolhe a exposição *Banda desenhada galega, uma retrospectiva: dos anos 70 à actualidade*. A mostra chegou directamente desde Lisboa, onde recebera calorosos elogios por parte da crítica portuguesa. Um outro sucesso foi chegar ao público luso o trabalho e as trajetórias de autores diferentes do internacionalmente bem-sucedido Miguelanxo Prado.

Os comissários da exposição são Fausto Isorna —que também é autor de BD— e Gemma Sesar. Em declarações ao *NOVAS DA GALIZA*, o de Catoira reconhece estar «muito satisfeito» com a aceitação do público português, e salienta o sucesso e as boas críticas que a mostra tivera anteriormente em Madrid —onde se chegou a alargar o prazo de exibição para satisfazer a demanda— e Barcelona —coincidindo com o *Saló del Còmic*—, as principais referências nesta arte no Estado espanhol.

A exposição, de carácter retrospectivo, apresenta originais e reproduções de trabalhos de mais de duas dezenas de desenhadores galegos. No percurso, podem ser verificadas desde as influências da pintura nos inícios à polo marca deixada pela política e pelo compromisso social em décadas mais recentes. Para Fausto, o principal mérito da iniciativa é o de chegar trabalhos de grupos e de autores que nem som tam conhecidos como os

ícones Xaquín Marín, Kiko da Silva, Pepe Carreiro ou o já mencionado Miguelanxo Prado.

Após a passagem pelo Porto, «a ideia é que a exposição continue a viajar, pelo menos até fins de ano», indica Fausto, «contudo, ainda não está fixado qual será o próximo destino». O que está mais claro, embora seja ainda um projecto que se terá de definir em profundidade nos seguintes meses, é a organização de umha macro-exposição no Auditório da Galiza (Compostela) como conclusum do longo e bem-sucedido périplo da mostra. «Queremos fazer algo mais grande do que exibimos noutras cidades», assegura o comissário, «um percurso que vá às raízes mesmas da BD galega, com os seus mais remotos precedentes do século XIX, chegando ao dia de hoje».

Pouca exploração industrial

Em opinião de Fausto, este exercício de aproximação da BD ao público é importante, já que esta arte é, precisamente, «popular, para todos os públicos», ainda que lamenta que se esteja a aproveitar

tam pouco a sua exploração industrial, «e isso que eu sempre estive do lado nom institucional, mas sempre procurei cousas que ajudassem a criar um tecido industrial para a banda desenhada do país». Precisamente, acha que esta perspectiva tivo importância nos inícios —com especial destaque para publicações como *Golfiño* ou *Barsóvia*— mas que se foi deixando de lado em detrimento do trabalho de autor.

Neste sentido, fai um apelo às instituições para apoiarem medidas que vão nesta direcção, mas também aos próprios autores para «produzirem» nom só obras para o seu próprio deleite, mas também em consonância com as exigências do público.

Perfil: Fausto Isorna

Fausto Isorna
Castinheiras
(Catoira,
1961)



De nova iorque e glasgow à corunha e valga

NOVA IORQUE E GLASGOW, SONIC YOUTH E THE JESUS AND MARY CHAIN; VALGA E CORUNHA, NOISE PROJECT E TRIÂNGULO DE AMOR BIZARRO



Jacobe P.V. Situamo-nos em meados da década de oitenta do século passado, altura em que o punk agonizava sequestrado nas maos dos ortodoxos do género, condenados a repetirem um estilo do qual só ficava o padrom, resistindo-se a abrirem novas vias exigidas pola dinâmica do tempo como figérom, por exemplo, uns Clash seduzidos polo som da periferia, ou um Lydon que descobria o poder rítmico da música negra. Do mesmo modo que estes últimos, Sonic Youth e The Jesus and Mary Chain, libertárom o punk de um padrom muito estreito para a sua significação cultural que alcançava milhares de jovens à procura de umha autonomia colectiva, enfrentada com a obrigação forçosa da submissão ao estado das cousas. Ambas as bandas electrocutárom com descargas eléctricas a deca-

dência da música popular da década de oitenta arrastada pola padronização dos géneros e a degeneração de alguns dos seus principais referentes como David Bowie, por pôr um exemplo. A energia gerada pola urgência e a velocidade do punk concentrava-se agora no som próprio, libertado da sua escritura, como se se autonomizasse, expandindo e contraindo espirais de violência e de caos que batem emocionalmente no ouvinte. Nem fôrom os únicos nem fôrom os primeiros, mas as dimensões do seu impacto na cultura popular conferi-lhes umha importância fundamental; discos como o Psicocandy de The Jesus and Mary Chain ou Daydream Nation de Sonic Youth voltam a excitar como na primeira escuta quando se resolve voltar a ouvi-los depois de um tempo. Hoje, muito tempo depois, ambos os grupos resistem como referên-

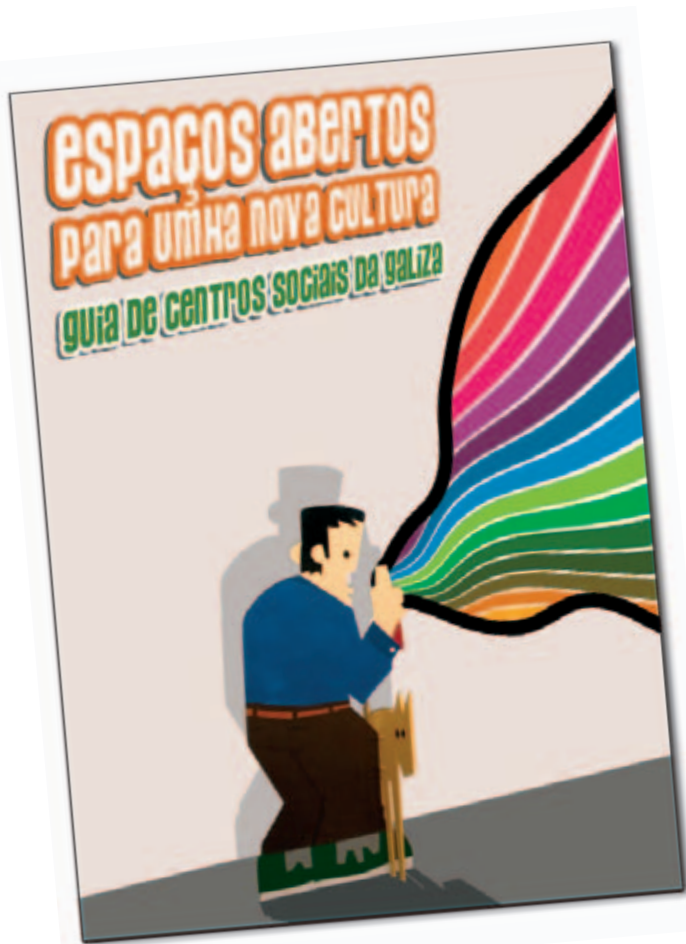
cias iniludíveis da cultura contemporânea ainda em activo; Sonic Youth tem editado recentemente novo disco onde oxigena as suas músicas, menos revoltadas, menos violentadas, mas também um exercício de contenção que mostra a capacidade de flexibilidade dos nova-iorquinos que ainda continuam vivos para lembrar-nos que eles já figérom a sua revolução e que, por acaso, algunha pegada tangencial deixou no nosso país. Project Noise e Triângulo de Amor Bizarro, ambos com um primeiro disco recente, iniciam agora a sua própria revolta; irrompem no panorama musical galego, tradicionalmente preso de todo o tipo de convencionalismos, retorcendo as guitarras,

elevando o volume, e descarregando electricidade; os de Valga através de passagens atmosféricas e ondas de distorção que bebem e necessitam das suas fontes mais contemporâneas: Mogwai, Godspeed You Black Emperor...; as suas actuações ao vivo serão decisivas para comprovar em que medida crescem com autonomia. Também nom ocultam os seus referentes Triângulo de Amor Bizarro, capazes de desfiar um repertório que tanto nos fai lembrar My Bloody Valentine como Yo La Tengo, ou os próprios The Jesus and Mary Chain, mas que

fica sempre reconhecível polo seu descarro e a sua total convicção na hora de exprimir as guitarras e golpear com base em ritmos rotundos, a amálgama de influências muito rastejáveis em cada música dos corunheses nom é obstáculo para reflectir umha identidade facilmente reconhecível na raiva contagiosa do seu repertório; aliás acumulam já um notável peso no cara a cara em directos contundentes que consolidam passo a passo a sua trajetória. Enfim, este Verão, passado e futuro convergerão numha espí-

PODERÁS VER AS ACTUAÇÕES AO VIVO DESTAS BANDAS EM:

Sonic Youth: Paredes de Coura. Festival de Paredes de Coura. 15 Agosto
The Jesus and Mary Chain: Lisboa. Festival Super Bock, Super Rock. 4 de Julho
Noise Project e Triângulo de Amor Bizarro: Valga. Festival Arte Nativa. 10 e 11 de Agosto.



guia dos centros sociais

NOVO LIVRO DE 'A FENDA' EDITORA

Este livro pretende levar-te de viagem por outra Galiza. Umha Galiza que se mexe, que discute, que protesta, que cria... que constrói dia-a-dia os seus espaços, autogeridos e rebeldes, em cada vila do País. Nele encontrarás vinte e um exemplos de jovens de idade e jovens de espírito, mulheres e homens activistas da construção de novos lugares à margem do barulho mediático crescente. Vinte e um Centros Sociais, desde a histórica Casa Encantada compostelana até o mais recente, o Roi Soga de Noia, que em breve deixará de sê-lo com a abertura já anunciada do Aturajo em Boiro e do Mádía Leva em Lugo. Um movimento diverso como as gentes que dele fam parte e que vai a caminho de converter-se no lugar de encontro de todas as pessoas que a partir da sua localidade vam tecendo umha nova Galiza.